

Lenda Santa Comba de Celas

Santa Comba, oriunda de uma geração ilustre, era filha de um conde ou régulo da Lusitânia, se bem que de nacionalidade tudesca e, conforme a tradição, de mãe portuguesa, da antiga Coimbra.

Seu pai, capitão do ramo alemão que, no tempo do imperador Galieno, entrou na Hispânia para a expoliar, viria depois a apoderar-se de Coimbra, onde se apaixonou por uma formosa e nobre portuguesa, cujo encanto motivou a escolha desta para sua legítima esposa.

Decorrido algum tempo, essa portuguesa daria à luz uma menina que foi criada e educada por uma ama nobre e cristã que a fez batizar em segredo com o nome de Comba (pomba) – Columba > Colomba > Coomba > Comba – e que lhe ensinou a fé que professava. À medida que a menina crescia, em contínuas orações, se robustecia na fé e entregava a Deus a sua virgindade.

Aureliano, imperador de Roma, publica um edito cujo rigor das leis aterroriza todos os cristãos. O pai de Santa Comba, como régulo da cidade, aí o faz executar bem como noutras terras dos seus domínios. Comba, perante tal rigor da lei, rezava a Deus implorando forças para sofrer os tormentos do tirano pai que certamente nem a ela pouparia.

Sabendo este que a filha era cristã, manda chamá-la para dizer que bem sabia que ela seguia as «supersticiosas» leis dos cristãos sem seu consentimento e licença. E mais. Aconselhando-a a não desprezar os dons com que a natureza a adornou – beleza igual em toda a nobreza de Coimbra não havia – promete-lhe um esposo de harmonia com a sua alta estirpe. Para a considerar como filha, pede-lhe que deixe a vaidade cristã em que a ama a tinha criado e convida-a a adorar os deuses romanos, venerados na maior parte do mundo. Mas, se preferisse o estado de virgindade, consagrá-la-ia À deusa Vesta.

Assim conservaria a sua vida e ele o gosto e a honra que perderia, se algo de diferente viesse a acontecer.

Comba respondeu que, embora como filha lhe devesse o nome de pai e obediência, em tudo satisfaria o seu desejo, à exceção do abandono da religião cristã, do amor a Cristo a quem adora como seu Deus e a quem tem sacrificado toda a sua vida.

Não lhe agradam as riquezas a terra, nem os reinos deste mundo, sujeitos às mudanças da sorte, mas um reino onde o tempo é eternidade, os tesouros sem fim, em suma, uma glória que a inteligência humana jamais poderá alcançar.

Para além desta profissão de fé, Santa Comba tenta a conversão do pai, convidando-o a deixar de adorar os ídolos incapazes de dar um prémio ou um castigo aos seus adoradores.

Falsos deuses, pedaços de madeira ou pedras insensíveis a tudo, figuras semelhantes a homens mortais e pecadores!

A resposta do severo pai não se fez esperar. Jura, por Júpiter, que se ela não acatar as suas ordens a fará morrer por meio dos horrendos tormentos.

Comba, imbuída de graça, recebe com alegria estas ameaças, chegando a afirmar-lhe que, para ela, seria mais grato o martírio por amor a Jesus Cristo que todos os reinos da terra que lhe pudessem oferecer para O renegar.

O pai, por mais bárbaro que fosse, não deixava de amar profundamente a sua filha; por isso, esperando uma mudança de ideias – Comba era ainda nova – tenta evitar por tudo a sua morte.

Afastada da presença deste, a jovem Comba implorava ao Senhor forças para tão dura batalha que então iria começar. E, pensando muito, resolve ausentar-se de casa, para evitar que aquele que a gerara fosse o ministro do seu martírio.

As perseguições eram gerais em toda a Hispânia e em qualquer lugar onde declarasse a sua fé seria certamente executada.

O pai, ao aperceber-se do desaparecimento da filha, manda emissários no seu encalço.

Chegada a Santa de novo à sua presença, este, após inúmeras ameaças, mais uma vez tenta dissuadi-la. Mas vendo que nada conseguia, pois, a fé de Comba era cada vez mais sólida, dissimulando, para não perder a filha que tanto amava, dá novamente temo a que esta se desengane.

Certo jovem que dispunha de grande prestígio e autoridade na terra, talvez filho do chefe mouro e/ou romano da cidade, fez todos os esforços para que a virtuosíssima cristã Comba anuísse casar com ele.

O mancebo resolve pedir ao pai a santa donzela. Este exulta de alegria. Para ele, era uma enorme satisfação ver a filha casada, e para mais, com um varão tão ilustre.

Mas aliciações, promessas, ameaças, ternuras e seduções, tudo foi em vão. A virgindade para a santa donzela era uma virtude tão querida que fez o propósito de perder antes a vida do que esse rico tesouro, sendo a augusta qualidade de esposa de Cristo, o único objeto da sua ambição e ternura.

Santa Comba, apercebendo-se da deliberação do pai e dos perigos em que cairia se viesse a casar com tal rapaz, se bem que da mais alta fidalguia daquela terra, recorre a Deus sem cessar para que Este a ajude em mais esta grande tribulação.

Inspirou-lhe o Senhor, novamente, o abandono da casa. E, pondo-se a caminho, chegou ao lugar, onde hoje está situada a cidade de Coimbra. Aí, num espesso matagal, se escondeu durante meses, à espera que passasse a fúria dos que a buscavam para depois partir para terras mais remotas.

Numa gruta, perto da qual foi edificada depois uma ermida em sua honra, viveu Santa durante algum tempo.

Na vizinhança, abriu-se milagrosamente uma fonte, a chamada Fonte Santa.

Uma pastorinha que apascentava o seu rebanho nessas paragens, levava-lhe todos os dias o necessário para a sua alimentação.

O pai, ao saber da fuga da filha, chorou-a amargamente. O príncipe que pensava desposá-la, apaixonado, quis seguir-lhe o rasto. A sua dor parecia ser ainda mais intensa que a do próprio progenitor da menina.

Este conhecia bem a constância da filha. Por isso, fez tudo para impedir o pretendente, mandando ele próprio mensageiro para convencerem a Virgem Comba a aceitar o esposo e abandonar a fé Cristã.

Regressados os emissários, o pai da Santa, ao constatar que a filha não vinha em sua companhia e que nem sequer traziam sinal algum onde estivesse, manda chamar o príncipe, seu futuro genro. As suas riquezas estariam bem guardadas em suas mãos, mas a filha que lhe prometera, esquecendo a obediência que lhe devia e enganada por uns cristãos que a criaram, o negava como pai e a ele o recusava como esposo. As mais duras ameaças não mudarão as suas intenções ou a impedirão de preservar a fé cristã ou a sua pureza virginal. Contudo, se o amor que tinha por ela o obrigasse a fazer diligências para a encontrar, que o fizesse, mesmo que esse se transformasse em ódio.

Dava, assim, este pai cruel e desumano, autorização para que o jovem matasse a donzela. Porque tirar-lhe a vida dar-lhe-ia quietude, deixando de sentir mágoa por quem a não tinha por sua honra.

Anuindo o mancebo à proposta daquele que devia ser o seu sogro, manda chamar os criados e, ardendo de cólera, parte em busca de Comba não para a convencer com os seus rogos, como fazia dantes, mas para vingar a afronta de ser desprezado por ela.

Colhidos determinados indícios de que a Santa se encontrava numa densa floresta perto da atual Coimbra, manda atear o fogo a esses matos obrigando a Virgem Santa Comba a sair ou a morrer queimada. Só que o fogo passou por cima da gruta onde habitava a donzela sem que lhe causasse mal algum pondo-a apenas a descoberto.

Conta-se que a heroína cristã lhe apareceu bastante disforme, pois teria pedido ao Senhor que transformasse a sua formosura de modo a não ser reconhecida ou a gerar no seu pretendente a mais repugnante repulsa e o mais furibundo ódio.

Este, mal a avistou, enfurecido pela sua obstinação – que ele não podia compreender – e pela sua fealdade, pensou logo em dar-lhe a morte. Mandando-a açoitar cruelmente, crucifica-a, atada de pés e mãos, numa árvore que a tradição tem por oliveira.

Morre, assim, a mártir da virtude cristã da castidade, a bem-aventurada Comba, a Mártir de Celas, talvez a 20 de julho, no princípio do séc. X como muitos supõem.

O martírio de Santa Comba Colimbriense ou de Celas, segundo António de Vasconcelos, atesta um fenómeno curioso:

Nem o Martirológico nem o Legendário da Península regista outro parecido ao que ocorreu em Coimbra, no período que vai do séc. X à conquista da cidade por Fernando Magno. “Note-se que Santa Comba, não foi vítima de uma perseguição religiosa propriamente: caso patológico estritamente individual que em linguagem moderna se poderá chamar crime passional.

Morte infligida por um jovem que a perseguia com a intenção de a seduzir, depois de lhe oferecer casamento, recusando em virtude de ter feito voto de virgindade aquando menina.

"Vida de Santa Comba, Virgem e Mártir".

Autor, Dr. José António Fernandes Camelo.